

RESENHA

HONNET, A. 2003. *Luta por reconhecimento. A gramática moral dos conflitos sociais.* São Paulo, Editora 34.

Carlos A. Gadea¹
cgadea@unisinos.br

Axel Honneth pode ser apresentado como um verdadeiro herdeiro das preocupações normativas da chamada *Teoria Crítica*. Figura destacada da denominada “terceira geração” da Escola de Frankfurt, desenvolveu-se como assistente de Jürgen Habermas na segunda metade dos anos 80. O seu trabalho, *Luta por reconhecimento*, rapidamente se converteu num referente teórico imprescindível para as discussões que englobam a compreensão da lógica e das dinâmicas implícitas nos conflitos e movimentos sociais contemporâneos. Neste trabalho, Honneth desponta com uma originalidade própria dos que têm compreendido que o eclecticismo disciplinar não conspira com o conhecimento sociológico e a explicação dos fenômenos sociais. É claramente perceptível uma tentativa por conciliar a herança filosófica do pragmatismo e o interacionismo simbólico de G. H. Mead com a filosofia hegeliana, com um marxismo que aproxima a categoria trabalho do *reconhecimento* social e com uma nomenclatura existencialista onde o indivíduo se vê submetido às estruturas sociais de dominação em tanto que patologia das relações de *reconhecimento* social. Intersubjetividade, comunicação, indivíduo, conflito, *reconhecimento*, interação, podem ser conceitos aludidos e referentes inquestionáveis das múltiplas fontes analíticas que ele considerou. Não obstante, será no conceito de *reconhecimento*, desenvolvido sistematicamente por Hegel e logo aprofundado pela psicologia social de G.H. Mead, onde centrará suas inquietações típicas de uma nova geração de críticos sociais. Em que sentido um conflito responde mais a uma lógica própria de “interesses” que à da formação de reações morais? Em que sentido os conflitos devem ser consequência da distribuição desigual objetiva de oportunidades materiais de vida? Não seria possível entendê-los como próprios de experiências morais que emergem da lesão de expectativas profundas de *reconhecimento*? Tais são as principais perguntas feitas por Honneth para poder desenhar a sua gramática dos conflitos sociais contemporâneos.

Embora herdeiro da Escola de Frankfurt, a sua proposta consegue distanciar-se notoriamente dos projetos clássicos da *Teoria Crítica*. Em Adorno e Horkheimer distingue uma profunda subestimação do próprio sentido do mundo da vida social. O que reside no cotidiano na forma de relações conflituosas, normas morais e operações interpretativas dos sujeitos não é considerado no intuito de explicar a reprodução da sociedade. Assim, o “funcionalismo marxista” do clássico projeto crítico da Escola de Frankfurt simplesmente consideraria os diferentes processos de socialização, segundo Honneth, como meras funções para o estabelecimento e

¹ Professor do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Unisinos.

reprodução das valorizações do capitalismo. Posteriormente, no enfoque habermasiano, achará um certo excesso pela comunicação no mundo da vida e a sua racionalidade coadjuvante. Para Honneth, Habermas subestima que as diferentes ordens sociais parecem estar determinadas por conflitos e negociações contínuas, o que leva a considerar que a *Teoria Crítica* da sociedade deve colocar no centro da vida social a série de conflitos emergentes sob a categoria de *reconhecimento*. E isto representa, simplesmente, uma tentativa por atualizar a *Teoria Crítica* a partir do diagnóstico de novas configurações sociais e culturais? Concretamente, Honneth pareceria dizer que não. Segundo ele, novas tendências dentro da historiografia dão testemunho histórico da continua conexão entre desrespeito moral e luta social. O que Honneth sustentaria ao longo do seu trabalho é que as expectativas e luta por *reconhecimento* se inicia quando o desrespeito devêem em experiência que impede a formação pessoal de identidade. Desta maneira,

[...] os motivos de resistência social e da rebelião se formam no quadro de experiências morais que procedem da infração de expectativas de reconhecimento profundamente arraigadas. Tais expectativas estão ligadas na psique às condições da formação da identidade pessoal, de modo que elas retêm os padrões sociais de reconhecimento sob os quais um sujeito pode se saber respeitado em seu entorno sociocultural como um ser ao mesmo tempo autônomo e individualizado; se essas expectativas normativas são despontadas pela sociedade, isso desencadeia exatamente o tipo de experiência moral que se expressa no sentimento de desrespeito (p. 258).

Nos estudos historiográficos acerca do tom dos conflitos e formação de sujeitos coletivos que surgem sob

o prisma da categoria *reconhecimento*, Honneth parece detectar que a formação da identidade é um processo de inter-relação subjetiva de luta pelo mutuo *reconhecimento*. Aparentemente, constata que nos conflitos sociais não necessariamente se manifesta um individuo que procura a autopreservação material e simbólica, ou a aquisição de um poder negado ou o aumento de um poder medianamente existente, senão que o individuo tem exercido uma constante luta por *reconhecimento* de sua individualidade. Assim, desrespeito moral, conflito social e *reconhecimento* podem constituir-se na *triade* conceitual do marco teórico e analítico apresentado por Honneth.

As contribuições de Honneth resultam indispensáveis para todos aqueles que pretendam analisar e compreender relações sociais conflituosas e a dinâmica de ação dos diferentes movimentos sociais e políticos atuais. Toda análise de um eventual processo de construção de uma identidade que diagnostica uma relação desigual no tratamento dos seus traços particulares (a negritude, o feminino, o indígena, o jovem, etc.) nas interações cotidianas deve considerar de importância os aportes teóricos de Honneth. Com relação a isto, qual poderia ser o recado que este nos parece dar? Por exemplo, que a liberdade da auto-realização depende de pressupostos que não estão à disposição do próprio sujeito, já que ele só pode alcançá-la com a ajuda do seu parceiro de interação. E por ultimo,

que os diversos padrões de reconhecimento representam condições intersubjetivas que temos de pensar necessariamente quando queremos descrever as estruturas universais de uma vida bem-sucedida (p. 273).